

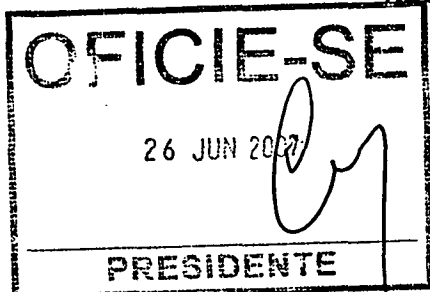


Câmara Municipal de São Paulo

REQUERIMENTO nº _____

13 - RDS

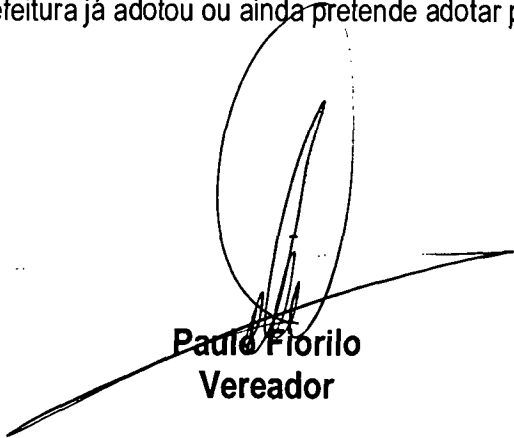
13- 1558/2007

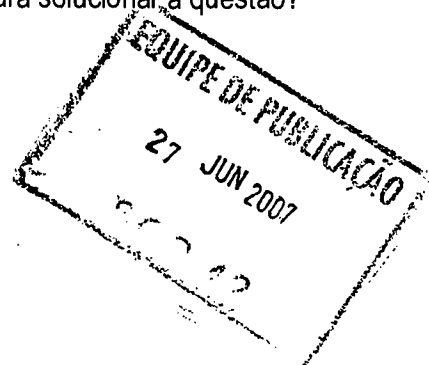


Conforme matérias veiculadas pelos jornais "Diário de São Paulo", pág. 09-A, e "Jornal da Tarde", pág. 07-A, ambos do dia 21 de junho de 2007, uma área de manancial onde se localiza o Córrego do Aricanduva, em Gleba do Pêssego, Bairro de Itaquera, foi contaminada por 200 litros de produtos químicos altamente tóxicos, atingindo o solo e as nascentes do local.

Desta forma, **REQUEIRO**, nos termos do art. 32, § 2º, incisos IX e XII, da Lei Orgânica do Município, que seja oficiada a **Secretaria do Verde e do Meio Ambiente**, na figura do Sr. **Eduardo Jorge Martins Alves Sobrinho**, para responder o quanto solicito:

- 1) Quais os danos cometidos ao meio ambiente e quais as conseqüências que poderão ser enfrentadas pela população local?
- 2) Quais medidas a Prefeitura já adotou ou ainda pretende adotar para solucionar a questão?


Paulo Fiorilo
Vereador



1

Gabinete do Vereador Paulo Fiorilo – PT/SP

Palácio Anchieta • Viaduto Jacareí, 100 • 01380-900 • São Paulo - SP Tel: 3111-2000; Fax: 3111-2079.

Produto tóxico contamina córrego

► Agentes da Prefeitura recolheram 21 tambores, de 200 litros cada, com o material que ainda não foi identificado. Pelo menos 2 pessoas passaram mal

RODRIGO FERREIRA
rodrigof@diariosp.com.br

► Uma área de manancial que inclui a nascente do Córrego Aricanduva foi contaminada com um produto altamente tóxico, no bairro Gleba do Pêssego, em Itaquera, extremo da Zona Leste da capital. O produto estava armazenado em 21 tambores,

de 200 litros cada, que foram jogados num terreno baldio. Catadores teriam derramado parte do produto na área para levar os tambores para reciclagem.

A Prefeitura foi avisada por moradores, que não agüentaram o forte cheiro do produto. Pelo menos duas pessoas passaram mal.

Segundo a dona-de-casa Ma-

ria de Lurdes da Cruz, de 46 anos, que mora num sítio ao lado do terreno, o mau-cheiro começou na última sexta-feira. "Na quinta-feira a noite ouvi um barulho e fui ver. Tinha um caminhão derrubando os tambores pela ladeira do terreno. Mas o mau-cheiro só fui sentir no dia seguinte", diz Maria.

O filho dela, de 13 anos, teve dores de cabeça por causa do odor e uma neta, de 10 anos, ficou com dor de barriga. "Até dentro do armário de casa o cheiro impregnou", conta. Ontem, Maria ficou sem água, já que a casa dela era abastecida

pelo córrego contaminado.

Foram precisos 70 homens da Cetesb, bombeiros, Defesa Civil e de seis subprefeituras para remover o material tóxico. "Ainda não temos como identificar qual é a substância. Parece um composto de borra de tinta com produtos de limpeza, mas não há como determinar", diz Anderson Pioli, engenheiro da Cetesb. O dono do material tóxico não foi localizado. Segundo a Subprefeitura de Itaquera, apenas a casa de Maria foi afetada pela contaminação. A subprefeitura deu galões de água para ela.



FUNCIONÁRIOS da subprefeitura e da Cetesb retiram os tambores



CRIME AMBIENTAL > Vinte e um galões de resina e borra de tinta foram despejados em córrego no bairro. Moradores reclamaram do cheiro forte, dores de cabeças e ainda náuseas

Lixo tóxico em nascente do Aricanduva

**THALITA PIRES**

thalita.pires@grupoestado.com.br

Vinte e um galões cheios de produtos químicos tóxicos foram retirados ontem na área de nascente do Córrego Aricanduva, na Zona Leste de São Paulo. Segundo moradores, os tambôres, de 200 litros cada, foram retirados por desconhecidos de um barranco de 30 metros na noite de quinta-feira passada, no bairro Colônia Japonesa, zona rural de Itaquera. A Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (Cetesb) do bairro ficou sabendo do problema na segunda-feira, quando um morador da região reclamou para do forte odor que saía dos galões. A subprefeitura da região foi avisada na terça-feira.

A operação de emergência para a retirada do produto foi realizada ontem, porque a primeira equipe da Cetesb só conseguiu chegar ao local na segunda à noite, quando constatou a dificuldade de acesso do lugar. Já a subprefeitura levou toda a terça-feira para conseguir os equipamentos necessários e a equipe de 70 pessoas composta por profissionais do Corpo de Bombeiros, da Defesa Civil do município e da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (Cetesb). Outras cinco subprefeituras colaboraram com a operação de limpeza, enviando trabalhadores e veículos.

De acordo com Angelo Stela, representante comercial de uma indústria de tintas chamado pelos técnicos para ajudar na identificação dos produtos, havia dois tipos de substâncias tóxicas nos galões: resina e borra de tinta. A resina foi responsável pelo cheiro incômodo, que provocou dor de cabeça e náuseas nas pessoas que o inalaram. Stela explicou ainda que a borra de tinta pode contaminar o solo e o lençol freático, impedindo o consumo de água dos poços artesanais. Segundo a Cetesb, não é possível saber a composição das substâncias sem saber antes o tipo de resíduo.

As substâncias tóxicas atingiram o solo e as nascentes. "Estamos fa-

zendo de tudo para limpar a área atingida. Foi feita uma barreira de contenção para evitar que os produtos se espalhem", disse Anderson Pioli, engenheiro de operações de emergência da Cetesb. A terra e as plantas atingidas pelos produtos também serão retirados.

Maria de Lourdes da Cruz, caseira que mora na chácara ao lado do local do descarte, reclamou da falta de assistência por parte da Prefeitura. "Vieram aqui dizer para a gente não beber a água, que está contaminada, mas não perguntaram se eu tenho condições", afirmou ela, que

não tem veículo e mora a cerca de dois quilômetros da Avenida Jacu-Pêssego, onde não passa ônibus. Ao saber da reclamação, no final da tarde, a Subprefeitura de Itaquera ofereceu à família galões de água potável, que devem durar três dias.

Dona Maria diz ainda que o local é ponto de desova de entulho e de animais mortos. "Aqui na estrada tem dia que nem dá para passar por causa do cheiro", conta. Evandro Reis, engenheiro que já trabalhou para a Subprefeitura de Itaquera, confirma. "Esse lugar está sofrendo com o entulho e a devastação da mata."

PÁG. 7A